

A REVISTA *MANCHETE RURAL* E A ANTENA PARABÓLICA: TECNOLOGIA, INTEGRAÇÃO E NOVOS HÁBITOS

THE *MANCHETE RURAL* MAGAZINE AND THE SATELLITE DISH: TECHNOLOGY, INTEGRATION AND NEW HABITS

Roberto Biluczyk¹

RESUMO

As práticas comunicacionais no Brasil e no mundo alcançaram novos patamares com o investimento em ciência e tecnologia, beneficiando-se, direta ou indiretamente, das disputas ideológicas impetradas pela Guerra Fria. Destarte, as relações humanas se modificaram, considerando o inédito acesso aos meios de comunicação, não apenas nos grandes centros urbanos, como nos pequenos núcleos e no mundo rural. Em 1985, o Brasil lançou seu primeiro satélite ao espaço, fator que viabilizou melhorias na telefonia, no fluxo de dados e nas transmissões televisivas. A comercialização de antenas parabólicas, úteis para a captação dos sinais das emissoras de televisão em locais mais distantes, despertou especial interesse na linha editorial da revista *Manchete Rural*, publicação segmentada, de circulação mensal, veiculada entre os anos de 1987 e 1998, pela Bloch Editores. O modo como o periódico abordou o tema é o fundamento deste artigo, que se embasa no exercício jornalístico da publicação para compreender como o ser humano interagiu com a referida tecnologia, principalmente em seus contatos iniciais, no final de década de 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Antena parabólica; *Manchete Rural*; Tecnologia.

ABSTRACT

Communication practices in Brazil and in the world have reached new heights with investment in science and technology, benefited, directly or indirectly, by the ideological disputes brought about by the Cold War. Thus, human relations have changed, considering the unprecedented access to means of communication, not only in large urban centers, but also in small municipalities and in the rural world. In 1985, Brazil launched its first satellite into space, a factor that enabled improvements in telephony, data flow and television transmissions. The commercialization of satellite dishes, useful for capturing the signals of television stations in more remote locations, aroused special interest in the editorial line of *Manchete Rural*, a segmented magazine, with monthly circulation, published between 1987 and 1998 by Bloch Editores. The way in which the magazine approached the theme is the basis of this article, which looks at the journalistic exercise of the monthly to understand how the human being interacted with this technology, especially in his initial contacts, in the late 1980s.

KEYWORDS: Satellite dish; *Manchete Rural*; Technology; Search.

¹Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: rb.biluczyk@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento científico e tecnológico ajudou a redirecionar os passos da humanidade, também no que concerne à comunicação. Inventos, como o telefone, o rádio e a televisão, com suas funções peculiares, fazem a diferença nas práticas cotidianas do ser humano. Inicialmente mais restritos, com o tempo se popularizaram, aperfeiçoando-se e ganhando a companhia de outros mecanismos, igualmente fundamentais para a vivência em sociedade no século XXI.

Em 1950, o Brasil teve sua primeira experiência comercial de televisão. Os altos custos desse modelo de transmissão e as restrições permeadas pela incipiente tecnologia lhe impuseram barreiras, principalmente no que tangia a seu acesso (ALDÉ, 2009, on-line). Anos depois, especialmente após o final da década de 1970, o aparelho televisor se tornou item comum na sala de estar da maioria dos brasileiros, em todas as classes sociais. Isso foi possível graças aos avanços obtidos pelos esforços intelectuais dos cientistas.

O processo que conduziu à comercialização de antenas parabólicas, doravante a década de 1980, derivou também de uma série de escolhas políticas do passado. As possibilidades previstas frente a aplicação dos recursos comunicacionais na sociedade brasileira se fizeram proeminentes na imprensa, sobretudo nas páginas da revista *Manchete Rural*, publicada entre os anos de 1987 e 1998, pela Bloch Editores. Nesse artigo, busca-se articular o conteúdo produzido pelo periódico com o contexto, captando-se visões sobre a ação humana conexas ao uso de antenas parabólicas no Brasil.

A pesquisa histórica envolvendo veículos de comunicação social foi viabilizada a partir dos anos 1970, quando novos paradigmas passaram a influenciar as atividades dos historiadores (LUCA, 2008, p. 113). Por meio da leitura analítica e minuciosa das fontes, sob rigorosos critérios, pode-se obter outras percepções sobre a trajetória humana ao longo do tempo. Outrossim, o produto gerado pelo exercício jornalístico possui suas particularidades, as quais devem ser ponderadas pelo pesquisador (ZICMAN, 1985, p. 90).

A historiadora Mônica Karawejczyk (2010, p. 136), baseada na visão de Roger Chartier, reflete que “os textos jornalísticos devem ser compreendidos como uma representação que deixa entrever a sociedade da época retratada e as atitudes ali introjetadas”. A informação fragmentada representada em jornais e revistas ganha sentido naquilo que se quer contemplar. Para a efetividade do exame das fontes, necessita-se recorrer à aplicação de metodologias adequadas. Uma das mais conhecidas e utilizadas, nesse caso, é a Análise de Conteúdo.

A Análise de Conteúdo consiste na observação de mensagens e informações expressas pela fonte, articulando-se a descrição “objetiva, sistemática e quantitativa” do teor de suas manifestações (BERELSON, 1954 apud BARDIN, 2000, p. 19). Com a leitura e a interpretação dos dados, desvenda-se o que está oculto dentro do discurso de natureza simbólica e polissêmica, considerando-se as características dos materiais estudados (BARDIN, 2000, p. 13-14)².

Esse artigo examinou edições da revista *Manchete Rural*, disponibilizadas pela Hemeroteca Digital Brasileira, ligada à Biblioteca Nacional. Salienta-se que a coletânea ofertada pelo site não está completa, uma vez que pontuais números, em diversos anos, não foram compartilhados, por razões não especificadas. O primeiro volume da revista está incluso nessa categoria, assim como os exemplares dos anos 1990 e 1991 e a maioria das edições veiculadas em 1997. Nesses parâmetros, foram analisadas, no total, 92 unidades do periódico.

A pesquisa a seguir se estrutura em três partes. Primeiramente, exploram-se nuances da história das tecnologias de transmissão de sinais de televisão, evidenciadas pela revista. Na sequência, salienta-se um breve histórico sobre as atividades da fonte, ou seja, a revista *Manchete Rural*, nos anos em que esteve em operação. Por fim, a descrição e a análise das reportagens e anúncios alusivos ao tema “antena parabólica”, diante do que foi publicado pela revista.

2 ANTENA PARABÓLICA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Atentos às necessidades do ramo comunicacional, cientistas tentaram, a partir da quarta década do século XX, desenvolver formas de obter com excelência, inéditos meios de transmitir informações. O escritor de ficção científica Arthur C. Clarke foi pioneiro em sugerir, em 1945, a fabricação e o uso de satélites artificiais elevados ao espaço, com a finalidade de repetir sinais. Suas ideias inspiraram pesquisas científicas sobre a viabilidade desse sistema (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 285).

Nos Estados Unidos, um ano depois, pesquisadores financiados pela Força Aérea realizaram experiências com o satélite natural da Terra, a Lua, no chamado Projeto Diana (CAMARGO, 1992, p. 3). Os estudos contemplavam a utilização de conhecimentos alcançados durante a Segunda Guerra Mundial, recém finalizada. Todavia, a alta exigência técnica, aliada aos poucos resultados conquistados, interrompeu o prosseguimento dos trabalhos (CAMARA, 2006, p. 14).

² Com relação às características da Análise de Conteúdo, sugere-se a leitura do artigo de Roque Moraes (1999).

O contexto mundial remetia às hostilidades entre Estados capitalistas e socialistas. Estados Unidos e União Soviética se destacavam no panorama, exercendo influências políticas e econômicas sobre outros países. A Guerra Fria, cuja formalização se deu em 1947, “embasou a existência de um sistema mundial bipolar, que foi o fio condutor da vida internacional por quase meio século”, encerrando-se em 1987, com os acordos entre Ronald Reagan, presidente dos EUA, e Mikhail Gorbachev, líder soviético (VIZENTINI, 2006, p. 9).

A concorrência direta entre os dois países motivou distintos desdobramentos. Entre eles, a corrida espacial, que contribuiu para a construção e funcionamento de satélites. Em 1957, a União Soviética iniciou, com o Sputnik I, uma sucessão de lançamentos de mecanismos ao espaço. No ano seguinte, os EUA também colocaram seus primeiros equipamentos em órbita. Apesar dos percalços, os resultados de cada experiência se mostravam promissores (CAMARGO, 1992, p. 4).

Em 1960, os Estados Unidos lançaram o Echo I, um satélite passivo de comunicação, “na forma de um balão com 30 metros de diâmetro, utilizado para refletir as ondas transmitidas por estações terrenas” (CAMARGO, 1992, p. 4). A seguir, em distintas frentes de atuação, os cientistas produziram satélites de repetição ativa, mais potentes e duradouros. Destaca-se o projeto que culminou na criação do Telstar, o “primeiro de uma série de satélites de construção cara, que serviram para funções de transmissões sem fio de rádio e televisão como substitutos para os cabos” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 286).

Em agosto de 1964, um consórcio internacional se uniu em prol do lançamento do primeiro satélite global, o Intelsat, sucedido por outros equipamentos, aperfeiçoados por novas tecnologias. O projeto “atraiu grande número de países, muitos não-alinhados”, excluindo a URSS, que, posteriormente, elaborou seu próprio programa, com baixa adesão. “Os satélites geoestacionários foram colocados numa órbita precisa e limitada sobre a Linha do Equador, local que permitia um contato permanente entre o satélite e a única estação no solo” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 287). O Brasil aderiu ao Intelsat em fevereiro de 1965.

Conforme Araújo e Brandi (2009, on-line), embora tenha sido um dos primeiros países a instalar uma central telefônica, o Brasil contava, em 1965, com “apenas 1,3 milhão de telefones, três sistemas de micro-ondas e alguns circuitos-rádio, ligando Brasília às capitais dos estados”. As comunicações internacionais eram ainda mais restritas, com “39 circuitos de voz e alguns canais telegráficos” (ARAÚJO; BRANDI, 2009, on-line). A estreia da TV Tupi, em 18 de setembro de 1950, em São Paulo/SP, marcou o início das transmissões televisivas comerciais, com lenta

evolução e dificuldades de afirmação mercadológica, posto que, por muito tempo, sua distribuição atendeu somente aos municípios de maior dimensão (ALDÉ, 2009, on-line).

Em acompanhamento às tendências mundiais, o presidente João Goulart sancionou a Lei nº 4.117, em agosto de 1962, que instituiu o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT) (BRASIL, 1962, on-line). A legislação objetivava a organização do setor, atendo-se à necessidade de modernização dos serviços até então prestados por empresas, em regime de concessão. Paulatinamente, o conjunto de normas ajudou, de fato, a reestruturar as práticas. Em 1963, foram abertos os estudos para a criação de uma estatal, cujo intuito seria articular e implementar melhorias no modelo comunicacional brasileiro (ARAÚJO; BRANDI, 2009, on-line).

O golpe militar de 1964 atrasou a implementação da almejada empresa pública, pois membros do governo ditatorial, como o ministro do Planejamento, Roberto Campos, manifestavam-se contrários à sua fundação. À revelia dos pensamentos de sua equipe, o marechal Humberto de Alencar Castello Branco, que ocupava a presidência da República, apoiado por outros influentes militares interessados na integração dos serviços, se posicionou a favor da criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações, a Embratel, cujas atividades se iniciaram em 16 de setembro de 1965 (ARAÚJO; BRANDI, 2009, on-line).

A Embratel se transformou em uma referência para o incremento da telefonia, do telex e das retransmissões de televisão, mesmo tendo passado por mudanças em sua estrutura organizacional, sendo absorvida pela *holding* Telecomunicações Brasileiras S/A – Telebrás – em 1972 (ARAÚJO; BRANDI, 2009, on-line). A estação terrena para a operação do Sistema Internacional de Comunicações por Satélite foi inaugurada em fevereiro de 1969, em Tanguá, então distrito de Itaboraí/RJ, ampliando-se o serviço (CAMARA, 2006, p. 16).

Todo esse esforço dos militares para promover as comunicações não era gratuito. Boa parte do território do país estava pouco ocupado e interligado, com especial destaque à Região Norte, que não possuía uma vultosa densidade populacional, tampouco uma eficaz cobertura telefônica e televisiva como os grandes centros. Atrelando a prática econômica com a promoção da segurança nacional, “os militares procuraram desenvolver a infraestrutura produtiva” (MENEZES, 2007, p. 38). Esse potencial de modernização, porém, adquiriu, desde cedo, um caráter conservador (SILVA, 2016, p. 12-13).

No início dos anos 1980, o Brasil enfrentava graves crises econômicas. Politicamente, o modelo governamental afeiçoado pelos militares dava sinais de desgaste. A população se mostrava cada vez mais interessada em reaver a democracia que lhe foi tolhida nos atos golpistas do passado (BATISTELLA, 2020, p. 231-232). Mesmo assim, as atividades da Embratel

continuaram a ser apoiadas financeiramente pela ditatorial administração nacional, empenhada em melhorar sua imagem. No mesmo período, o satélite da Intelsat começou a demonstrar sua insuficiência para as demandas do país.

Em um novo planejamento, em 1981, a Embratel se associou a duas empresas, a estadunidense Hughes e a canadense Spar, para obter a construção de um satélite nacional. Do projeto, foram criados os satélites Brasilsat A1 e Brasilsat A2³, lançados de uma base, localizada em Kourou, na Guiana Francesa, respectivamente, em fevereiro de 1985 e março de 1986. Por ocasião do primeiro lançamento, o *Jornal do Brasil* noticiou que, quando entrasse em operação, o satélite disponibilizaria soluções inéditas à área das telecomunicações (BRASILSAT 1..., 1985, p. 15).

O país deixaria de depender de sete canais alugados no equipamento do consórcio internacional Intelsat para usufruir de 24 canais próprios, deixando para trás o pagamento do aluguel, orçado à época em 6,5 milhões de dólares ao ano. O investimento de 210 milhões de dólares nos novos satélites seria pago em dez anos, após quatro anos de carência (BRASILSAT 1..., 1985, p. 15). Segundo Araújo e Brandi (2009, on-line), com o recurso, “o Brasil passou a dispor de um canal autônomo para tráfego doméstico, com capacidade para transmissão simultânea de até 12 mil ligações telefônicas, 24 programas de televisão e 28.800 linhas de telex”.

Conforme o *Jornal do Brasil*, o consórcio Spar/Hughes habitualmente lançava seus equipamentos diretamente da base da NASA, nos Estados Unidos. A peculiar escolha pela base da Guiana Francesa, pertencente à Arianespace, de acordo com Jean Claude Biget, diretor comercial da empresa, consultado pelo periódico, foi de cunho essencialmente político. “Politicamente, o prazo era a coisa mais importante para o governo brasileiro”, declarou o gestor (BRASILSAT..., 1985, p. 7). Eram os últimos dias do mandato ditatorial do general João Baptista Figueiredo, que, a princípio, seria sucedido pelo civil Tancredo Neves, eleito indiretamente em 15 de janeiro pelo opositor Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)⁴.

A NASA somente estaria disponível para lançar o equipamento em julho de 1985, na administração seguinte – que, por fim, terminou nas mãos de José Sarney, diante do falecimento de Tancredo. O gerente brasileiro responsável pelo contrato com a Arianespace, Amâncio Pulcherio, em convergência com a cúpula da empresa francesa, negava a artimanha, explicando que a proximidade da Guiana Francesa com a órbita do satélite permitiria economia de

³ A nomenclatura A1 e A2 é posterior e derivou da expansão do projeto. Originalmente, eram chamados Brasilsat 1 e 2, simplesmente.

⁴ Em 2017, o PMDB, fundado em 1980, passou a se denominar Movimento Democrático Brasileiro (MDB), nome que alude à agremiação que operou entre 1966 e 1979, congregando opositores da ditadura militar.

combustível ao equipamento, conferindo-lhe uma vida útil maior. A operação terrena dos satélites se daria em uma base em Guaratiba, município do Rio de Janeiro (BRASILSAT..., 1985, p. 7).

De acordo com reportagem da revista *Veja*, a comercialização de antenas parabólicas dava seus primeiros passos em meados de 1982. O semanário da Editora Abril enfatizou que o recurso possibilitou aos moradores e trabalhadores de empresas mineradoras de municípios no interior do Pará, que assistissem aos jogos da Copa do Mundo – que acontecia na Espanha –, ao vivo, sem depender de fitas de videocassete, entregues dias depois, como habitualmente ocorria em situações análogas, em localidades da região (DIRETO..., 1982, p. 120).

Os limites do Intelsat permitiam, em 1982, que apenas duas emissoras brasileiras transmitissem seus sinais, mediante pagamento de pesadas tarifas: a TV Bandeirantes, de São Paulo, e a TV Globo, do Rio de Janeiro (SARTI, 1986, p. 10). Nesse período, o uso de antenas parabólicas para fins de melhorias nas condições de recepção de sinais de televisão, além de atrair grandes empresas, fez sucesso também entre hotéis de renome, segundo pontuou o jornalista Norton Godoy, da revista *Superinteressante* (GODOY, 1988, on-line).

O lançamento do satélite Brasilsat A1 produziu efeitos imediatos, facultando que outras estações de televisão tirassem proveito dos instrumentos, a exemplo da TV Manchete, do Rio de Janeiro, e do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de São Paulo – canal conhecido, à época, como TV Studios (TVS). Ainda de acordo com Godoy, em 1988, o número de parabólicas em funcionamento no país atingia a marca de 20 mil, algo que demonstrava uma tendência ascendente de usuários (GODOY, 1988, on-line).

Entre as décadas de 1980 e 1990, o mundo rural se transformou a olhos vistos, influenciado por originais preocupações sociais sobre o meio ambiente, pela introdução de equipamentos e formas de plantio e por conflitos fundiários. Essas complexas características contextuais vêm sendo exploradas em eficientes pesquisas por historiadores especializados⁵. Por razões de espaço, essas nuances não serão aprofundadas aqui, primando-se, por sua vez, pela relação entre o habitante da zona rural e a antena parabólica, considerando as visões de *Manchete Rural*, cuja trajetória editorial se pormenoriza a seguir.

⁵ Sobre a experiência humana no mundo rural, em diversas periodizações, recomenda-se a coletânea organizada por Dickel e Zanella (2020). Sugere-se, igualmente, a leitura de estudos de recepção dos conteúdos televisivos por habitantes da zona rural, como os elaborados por Ronsini (1995).

3 A REVISTA *MANCHETE RURAL*

Os imigrantes judeus ucranianos, Boris, Arnaldo e Adolpho Bloch, filhos de Joseph Bloch, todos estabelecidos no Brasil desde 1922, comandavam uma gráfica no Rio de Janeiro, voltada à produção de impressos para terceiros (NASCIMENTO, 2015, p. 27). Por meio da Lei nº 1.386, de 18 de junho de 1951, o presidente Getúlio Vargas modificou regras de importação de materiais gráficos utilizados pela imprensa, permitindo aos empreendimentos do ramo, a importação de máquinas, insumos e acessórios, com relevantes subsídios, tendo em vista a modernização nacional (BRASIL, 1951). Esse fator despertou em Adolpho, um ano mais tarde, o ímpeto de lançar uma revista semanal de ampla circulação (NASCIMENTO, 2015, p. 28).

Envolveram-se na concepção do periódico, o próprio Adolpho Bloch, a esposa dele, Lucy Mendes Bloch, o escritor Pedro Bloch e o jornalista Henrique Pongetti (NASCIMENTO, 2015, p. 28). A revista foi batizada como *Manchete*, nome criado por Pedro Bloch, sob duas inspirações: o vocábulo “*manchettè*”, apropriado da língua francesa, que, no contexto, significava “primeiro plano, cabeçalho, valorização visual dos assuntos pela escolha do tamanho e da família dos tipos” (A DIREÇÃO, 1952, p. 3); e o título do semanário francês *Paris Match*, de proposta similar à publicação (GONÇALVES; MUGGIATI, 2008, p. 22).

A revista *Manchete*, cujo primeiro número foi publicado em 26 de abril de 1952, se configurou como uma revista ilustrada, atendendo às expectativas do mercado, posto que aquele era um formato comum no período. Destarte, as imagens geralmente se faziam proeminentes frente ao texto. Mesmo assim, crônicas literárias de qualidade garantiram seus espaços no semanário. Apesar das crises enfrentadas em seus primeiros meses, *Manchete* se consolidou, fazendo concorrência à renomada revista *O Cruzeiro*, criada em 1928 e editada pelos Diários Associados, empresa liderada por Assis Chateaubriand (NASCIMENTO, 2015, p. 25).

No primeiro aniversário da *Manchete*, em 1953, Adolpho Bloch tornou pública, sua disposição em expandir os títulos da editora, a partir da criação da *Manchete Esportiva*, que inauguraria o setor de revistas segmentadas da Bloch Editores (PONGETTI, 1954, p. 3). O novo hebdomadário estreou em 26 de novembro de 1955, impulsionado por um complexo projeto, em que participaram prestigiados cronistas, como os irmãos Augusto, Paulo e Nelson Rodrigues (COUTO, 2012, on-line).

Manchete Esportiva, revista tida como inovadora, não teve vida longa, sendo extinta em 1959⁶. O plano de segmentação concebido para *Manchete* também não vingou. No final dos anos 1960, a Bloch Editores começou a criar títulos com diferentes enfoques. Em 1974, a empresa desenvolveu para si, uma nova linha editorial: as revistas dirigidas, compostas por mensários orientados a meios empresariais e técnicos. O título mais exitoso desse projeto foi *Geográfica Universal*, lançada em outubro daquele ano, cuja tiragem se ampliou consideravelmente em pouco tempo (COMO..., 1976, p. 9).

No contexto, também surgiram *Medicina de Hoje* e *Agricultura de Hoje*, com tiragens sensivelmente menores que as publicações mais comerciais da editora (COMO..., 1976, p. 9). Após meses de preparação, *Agricultura de Hoje* estreou em março de 1975, recebendo um relevante aparato de sustentação, promovendo eventos, com lideranças envolvidas no que posteriormente seria chamado de agronegócio. Naquele ano, a revista ganhou o Prêmio Esso, prestigiada condecoração na área das comunicações, na categoria “melhor contribuição ao jornalismo” (PRÊMIO..., 1976, p. 123).

Adolpho Bloch começou a investir em emissoras de rádio, no início da década de 1980 (VIEIRA, 2012, p. 2). Em 1981, ganhou a concessão de canais de televisão, vagos devido à extinção de empresas anteriores, como a TV Tupi e a TV Excelsior, sabotadas pela ditadura militar. A TV Manchete foi fundada em 5 de junho de 1983 (VIEIRA, 2012, p. 2). *Agricultura de Hoje* ganhou um espaço na grade de programação do novo canal, mantendo-o até o início de 1987.

A revista e o programa faziam parte do chamado Sistema Manchete de Informação Rural, gerenciado pelo jornalista e veterinário Luiz Octávio Pires Leal, que desde cedo atuou nos projetos. Em um redirecionamento das atividades, *Agricultura de Hoje* foi substituída, nas bancas e na televisão, por *Manchete Rural*, fazendo com que o carro-chefe das revistas da Bloch Editores voltasse a possuir uma derivação. O novo planejamento nada tinha a ver com a experiência da segunda metade da década de 1950.

De acordo com Paulo Roque, editor da revista, em editorial veiculado em dezembro de 1995, a iniciativa para a mudança do nome e do perfil da publicação partiu de Adolpho Bloch. “Quero uma nova revista de agricultura, mudem tudo. *Manchete*, este nome é meu. Rural é de todo mundo. Então, *Manchete Rural*”, declarou o empresário, segundo Roque, em reunião com ele e com o jornalista Janir Hollanda, editor-chefe da publicação. Rapidamente, foram contratados novos funcionários e os trabalhos deram continuidade (ROQUE, 1995a, p. 5).

⁶ Inicialmente de circulação semanal, a *Manchete Esportiva* se tornou quinzenal nos meses de seu ocaso. No final dos anos 1970, houve uma efêmera tentativa de resgatar a veiculação da revista, sem grandes resultados.

Na mesma época, suas principais concorrentes, a Editora e a TV Globo, articulavam estratégia similar, com a veiculação do “Globo Rural”, na TV desde 1980 e nas bancas desde 1985. Conforme Sérgio Dayrell Porto (1987, p. 166), a introdução do rural na grande imprensa proporcionou transformações nas relações humanas e comunicacionais, ajudando a integrar os hábitos urbanos com os rurais, em especial atendimento a interesses econômicos antes pouco experimentados. O autor sinalizou que *Manchete Rural* se constituía como um bom exemplo de implantação do formato, caracterizado como um “esquema de dobradinha”, um “pacote rural-urbano” a contemplar o gráfico e o audiovisual (PORTO, 1987, p. 167).

A *Manchete Rural* estreou como revista de circulação mensal em abril de 1987, ao custo de 30 cruzados⁷, preço que foi se elevando mês a mês devido à inflação. Oficialmente, a tiragem de sua primeira edição foi de 100 mil exemplares (UMA REVISTA..., 1995, p. 65). De acordo com informações prestadas pela própria revista, a partir de solicitações de leitores, o número de estreia se esgotou com facilidade – em uma semana – desapontando os interessados em formar coleções particulares (LEAL, 1987a, p. 3). A capa do primeiro volume do periódico estampou um anúncio veiculado em *Manchete*, reproduzido na sequência:

Figura 1: Anúncio da primeira edição de *Manchete Rural*, de abril de 1987



Fonte: ONDE..., 1987, p. 19.

⁷ Conforme o *Jornal do Brasil*, em 1º de abril de 1987, naquele dia, um dólar estava cotado para venda em Cz\$ 22,271.

Como se observa, o logotipo da *Manchete Rural* possuía uma peculiaridade: sua associação aos logotipos de *Manchete*, a revista (acima do “Rural”), e *Manchete*, a emissora de televisão (à esquerda). Assim se manteve até a edição nº 63, de julho de 1992. No mês anterior, a TV *Manchete* foi vendida para a Indústria Brasileira de Formulários (IBF), devido a uma grave crise do Grupo Bloch (VIEIRA, 2012, p. 5). Ao retomar o controle da rede de televisão, em abril de 1993, a Bloch Editores não voltou a correlacionar as marcas.

Ainda no que se refere à apresentação da revista, percebe-se que a conexão com *Manchete* a fez acompanhar as mudanças visuais de logotipo, adotadas pela publicação principal no final de 1996. Internamente, o projeto gráfico seguiu pontuais tendências de aprimoramento. Doravante sua edição nº 99, de setembro de 1995, ganhou o subtítulo “A Revista do Agribusiness”, mantido até sua edição derradeira, no final de 1998.

Manchete Rural demonstrou, desde seus volumes iniciais, interesse na difusão de informações tecnológicas voltadas ao meio rural – como geração de energia solar e eólica –, práticas inovadoras de agricultura, pecuária, veterinária e afins – com vistas ao incremento da produtividade – e conhecimentos obtidos em pesquisas oriundas das esferas acadêmicas. Entre suas seções, distinguia-se “Correio do Campo”, composta por correspondências de leitores, respondidas pelos jornalistas, com ajuda de dados fornecidos pelos especialistas.

Assim como ocorrera com *Agricultura de Hoje*, sua antecessora, *Manchete Rural* e seus jornalistas, como Adeildo Lopes Cavalcante e Marcelo Sampaio Pimentel, foram agraciados com prêmios, concedidos pelo setor agropecuário. “Mesclando experiência e juventude, a equipe de redação tenta manter vivo o ideal preconizado no editorial do primeiro número, fazendo de *Manchete Rural*, ‘uma revista para ler, aproveitar e guardar’”, explanou uma reportagem, em dezembro de 1995 (UMA REVISTA..., 1995, p. 65-66).

No final de 1998, uma nova crise na Bloch Editores culminou na descontinuação de diversos títulos – entre eles, *Manchete Rural*⁸. Sua estrutura basicamente não se alterou com o tempo. Murilo Melo Filho era o diretor-responsável pelo setor de revistas da Bloch Editores, Janir Hollanda era o editor-chefe da revista e Paulo Roque, o editor, liderando diretamente a equipe (UMA REVISTA..., 1995, p. 66). Com o falecimento de Adolpho Bloch, em 19 de

⁸ Acredita-se, com base em notícias publicadas à época, que a edição nº 137, de novembro de 1998, foi a última da revista *Manchete Rural*. A comprovação da informação, contudo, carece, nesse momento, de um estudo aprofundado. A Bloch Editores encerrou suas atividades em agosto de 2000. Os títulos de seus periódicos foram arrematados em leilão pelo empresário Marcos Dvoskin, que não demonstrou interesse em voltar a publicar *Manchete Rural*. Em 2021, a única revista remanescente da Bloch Editores publicada pela empresa de Dvoskin, é a *Pais & Filhos*. Sobre isso, verificar Santos (2019).

novembro de 1995, as empresas do grupo passaram ao comando do sobrinho, Pedro Jack Kapeller.

Seus principais jornalistas e fotógrafos trabalhavam no Rio de Janeiro, permanecendo um repórter radicado em São Paulo. Todos se deslocavam pelo país, em nome das pautas. Parte de seus conteúdos se originava em *freelancers*, jornalistas sem vínculo empregatício, contratados por ocasião (UMA REVISTA..., 1995, p. 66). Junto aos assuntos correlatos à proposta da revista, *Manchete Rural* se preocupou com a popularização da recepção de sinais de televisão via satélite, captados através de uma antena parabólica, como se examinará a seguir.

4 A ANTENA PARABÓLICA NAS PÁGINAS DE *MANCHETE RURAL*

A partir da leitura e da interpretação dos dados veiculados por *Manchete Rural* foi possível dividir os conteúdos da revista a respeito do assunto “antena parabólica” em quatro categorias: reportagens com citações diretas sobre o tema; reportagens com citações indiretas sobre o tema; anúncios institucionais; e anúncios de terceiros. Com relação ao último item, ressalta-se que as intervenções publicitárias de empresas promotoras de vendas de antenas e seletores geralmente se repetiam mês a mês, nas edições dos três primeiros anos de existência do periódico.

Seis empresas lançaram mão desse recurso. A Empresa de Comunicações Ltda (EMCO), de São Paulo/SP, fez apenas uma pequena menção à venda de parabólicas, posto que seu principal produto, à vez, era um radiocomunicador (EMCO, 1987, p. 31). Já a Microvídeo, de Pinheiros/SP, aproveitou a veiculação de uma das reportagens de citação direta para fazer sua apresentação. Seu anúncio contava com a imagem de uma antena em destaque, ao lado de uma ilustração que remetia ao contexto rural: um homem conduzindo um trator, próximo a uma casa que aludia a uma fazenda, cercada por animais de criação (MICROVÍDEO, 1987, p. 40).

Os outros quatro anúncios se dirigiam a públicos mais amplos, não se restringindo a convencer o morador da zona rural dos benefícios dessa tecnologia. A empresa Brasilsat S.A, de Curitiba/PR – sem relação com a Embratel ou com os satélites homônimos – buscou persuadir proprietários de casas, condomínios fechados, hotéis e edifícios. “Em todos os apartamentos ou em todos os quartos, uma imagem pura e limpa de tudo o que acontece no Brasil e no mundo”, prometia a peça, reiterando a recepção de sinais de televisão nacionais e internacionais. Duas antenas ilustravam o reclame, veiculado entre 1987 e 1988 (BRASILSAT S.A, 1987, p. 29). Na mesma linha, o anúncio da Space – Sistemas de Telecomunicações Ltda., incluía na lista, sítios, fazendas e casa de praia (SPACE, 1987, p. 70).

Esse fator também embasava o anúncio da Kompac, do Rio de Janeiro/RJ. “Todo o avanço tecnológico da imagem via satélite está agora ao alcance de um simples botão. O botão do seu televisor”, pontuava. Veiculada em uma página inteira, a publicidade dava ênfase à fotografia de uma antena, colocando-a acima de um seletor e da figura de uma cena supostamente reproduzida da televisão, composta por torcedores do Flamengo, em um estádio. Com a eliminação de “fantasmas, chuviscos, ruídos e interferências”, o telespectador recuperaria “o prazer de assistir seus programas favoritos, com todas as cores, formas e detalhes da realidade”, assegurava a empresa (KOMPAC, 1988, p. 21).

A Linear Equipamentos Eletrônicos S/A, de Santa Rita do Sapucaí/MG, expressou, em 1989, que, com seu novo modelo de seletor de canais, “os acontecimentos do Brasil e do mundo” chegariam ao usuário “ao vivo, em cores, com perfeição de áudio e vídeo”. O seletor aparecia em primeiro plano. A antena, por sua vez, detinha menor relevância. Ao fundo, uma imagem que lembra um corpo celeste, possivelmente, a Lua, em uma confusa associação (LINEAR, 1989, p. 63). Esse tipo de anúncio perdeu força, não sendo percebido nas edições da década de 1990.

A *Manchete Rural* editou duas reportagens com citações diretas sobre o tema. A primeira delas em julho de 1987, nas páginas 39 e 40 de seu número 4. Sem autoria declarada, a matéria sinalizou aquela que era considerada a principal vantagem do recurso tecnológico: a nitidez na recepção dos sinais de televisão. “Imagem no campo não é mais problema”, informava o título. Em destaque, um breve texto salientava que a antena parabólica vinha sendo “empregada com sucesso, no interior do Brasil”, estando disponível ao acesso dos produtores rurais (IMAGEM..., 1987, p. 3).

A linha de narrativa demonstrou a crença do redator de que a antena parabólica era uma das responsáveis por mudanças de hábitos entre moradores da zona rural. “Aquela velha história de que o homem do campo se deita e desperta com as galinhas – ou com o canto do galo, clarim do dia – aos poucos está passando a fazer parte do folclore”, defendia a matéria, acreditando que essa transformação na rotina era um reflexo da modernização do “interior”, que paulatinamente incorporava “o modo de vida em curso nos centros urbanos” (IMAGEM..., 1987, p. 39).

De acordo com a reportagem, a captação de imagens com melhor qualidade contribuía implicitamente para uma maior permanência das pessoas dentro de casa, em um momento onde a segurança pública era alvo de constantes discussões. “Não é por acaso que hoje, nas cidades sedes de regiões do interior paulista, por exemplo, 73,6% das residências possuem aparelhos de televisão”, informou o texto, citando como um “problema”, o fato de que “muitas fazendas e cidades distantes dos grandes centros” eram prejudicadas pelos acidentes geográficos, que

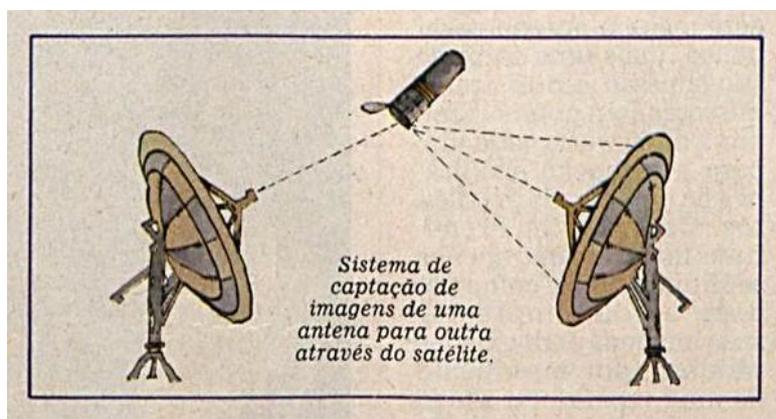
atrapalhavam a “transmissão horizontal” dos sinais gratuitamente distribuídos pelas emissoras, em televisão aberta (IMAGEM..., 1987, p. 39).

Essa barreira, no entanto, já pode ser vencida com a instalação de um enorme aparelho, semelhante a um guarda-chuva tamanho gigante aberto de cabeça para baixo: é a parabólica, antena utilizada para recepção de linhas de satélites de diversos países, capazes de jogar para as telas, imagens de TV absolutamente nítidas geradas no Rio, em São Paulo e até mesmo nos Estados Unidos e União Soviética (IMAGEM..., 1987, p. 39).

Para o redator, somente os mais “imaginosos”, à época do lançamento da televisão no Brasil, em 1950, concluiriam que, algum dia, eventos, como a final da Copa do Mundo e a chegada do ser humano à Lua, seriam transmitidos pelo aparelho. Sobre isso, o texto sintetizou que, “naquele tempo, o máximo, em matéria de comunicação, que a riqueza gerada pelo café poderia proporcionar, era a construção de salas de cinema para a exibição dos fulgurantes filmes produzidos em Hollywood”. Os “sonhos”, porém, ganharam concretude a partir da década de 1960, com a implementação de tecnologias que permitiram ao “interior”, “um até inimaginável contato com os satélites artificiais” (IMAGEM..., 1987, p. 39).

A matéria intencionou explicar o modo de funcionamento dos satélites e suas aplicações frente à comunicação no mundo. Contabilizava-se que 11 equipamentos, sendo dois deles brasileiros, orbitavam no espaço. As ondas de diferentes emissoras ficavam, assim, ao alcance de um “simples apertar de botão” (IMAGEM..., 1987, p. 39). Uma ilustração se propunha a resumir o modo de operação dos equipamentos, sem expor, todavia, maiores detalhes.

Figura 2: Esquema simplificado, publicado por *Manchete Rural*, para explicar o modo de captação dos sinais de televisão via satélite por parabólicas



Fonte: IMAGEM..., 1987, p. 39.

A chance de se poder captar uma programação diferenciada, que ia “da novela das 9, no Brasil, ao noticiário norte-americano CBS News”, carecia da superação de um ônus, pontuado no texto: “Para ter acesso a essas imagens, o homem do campo deverá incorporar as antenas parabólicas à paisagem rural, fazendo que elas convivam pacificamente ao lado das lavouras e das pracinhas enfeitadas por coretos”. Essa foi a motivação da fotografia ao início da reportagem, creditada a Vic Parisi (IMAGEM..., 1987, p. 39).

Para *Manchete Rural*, em 1987, as parabólicas eram o elo “entre o caboclo e esse complexo sistema de transmissão via satélite”. A redação comparou o modelo da antena com “um grande prato de sopa de metal”, visando tornar apazível a feição do equipamento, minimizando o impacto visual de sua instalação. Orçava-se entre 100 e 400 mil cruzados⁹, o preço para a aquisição de uma antena parabólica. “Qualquer um pode ter em sua propriedade”, insistia a reportagem, incentivando o contato entre o consumidor e uma das “muitas empresas fabricantes que rapidamente se espalham por diversos pontos do país” (IMAGEM..., 1987, p. 39-40).

O investimento indispensável para a recepção de canais internacionais distribuídos por outros satélites era entendido como “proibitivo” “para muitos”, uma vez que a antena comum precisaria ser adequada com a instalação de um “sistema eletrônico rastreador”, que a redirecionaria ao posicionamento do satélite adequado. Além disso, fazia-se necessário adquirir um filtro para a adaptação do sistema de cores¹⁰ e eliminação de ruídos. Esse aparato suplementar habilitava, segundo a reportagem, a recepção de 24 canais (IMAGEM..., 1987, p. 40)

Outra configuração de instalação de parabólicas começava a ganhar notoriedade, conforme o periódico: um “sistema completo de transmissão”, para atender “às necessidades de uma cidade de porte médio”. Esse pacote requeria mais uma torre de transmissão e dois transmissores mais potentes, com 50 watts, cada um, para receber dois canais brasileiros. “Com ele, as prefeituras integram não apenas seus municípios, como podem, ainda, emprestar suas imagens para cidades vizinhas, por intermédio de uma repetidora” (IMAGEM..., 1987, p. 40).

Sinaliza-se aqui, a citação, pela revista, de um conceito criado pelo teórico canadense Marshall McLuhan: a aldeia global. As teorias de McLuhan, lançadas no decorrer da década de 1960, alertavam para “a confluência entre os meios de comunicação e a vida em sociedade”, prevendo mudanças nas relações humanas, com o encurtamento de distâncias (LIMA; BOMFIM, 2016, p. 1). A ideia, que gerou expectativas imediatas, ganhou ressignificações, mediante o

⁹ De acordo com o *Jornal do Brasil*, em 1º de julho de 1987, um dólar estava cotado em Cz\$ 43,545 para venda.

¹⁰ O Brasil utiliza o sistema PAL-M para transmissão dos sinais televisivos em cores, enquanto alguns países empregam outro sistema, o NTSC.

surgimento de outros recursos. O ideário do filósofo emergiu naquela edição da revista em dois momentos: no editorial de Luiz Octávio Pires Leal, na página 3, e na própria reportagem.

Segundo o editorial de Leal, a antena parabólica estava “ajudando a acabar com o isolamento dos lares rurais e expandindo a aldeia global do McLuhan” (LEAL, 1987b, p. 3). Segundo a matéria, as prefeituras de municípios situados “em áreas distantes do centro transmissor, ou com topografia acidentada” eram as “pioneiras nessa aventura de se ligar ao mundo, via tela de TV, tornando o conceito de aldeia global, propagado por McLuhan, quase uma realidade”, superando-se as dificuldades impostas (IMAGEM..., 1987, p. 40).

O produtor paulista da região de Campinas, Raimundo Guimarães, entrevistado pela revista, manifestava sua crença de que o investimento feito por ele em uma antena com mais recursos tinha compensado. Guimarães confessava ser telespectador do canal AFRTS, de origem estadunidense, pertencente às Forças Armadas daquele país, que transmitia seleções de noticiários, competições esportivas e programas de entretenimento, oriundos de diversas redes como NBC, CBS, ABC e CNN (IMAGEM..., 1987, p. 40).

O produtor salientava, em sua fala, sua satisfação com o serviço, ao demonstrar que teve acesso a uma partida de futebol, não transmitida na televisão aberta, entre o Guarani, time de seu município, e o São Paulo, pela Copa Libertadores da América. Para a *Manchete Rural*, esse era mais um atrativo para a aquisição. “O futebol, aliás, foi o grande responsável pelo *boom* de vendas de antenas que se verificou no primeiro semestre do ano passado [1986]: ninguém queria perder os jogos da Copa do Mundo”, completava a reportagem (IMAGEM..., 1987, p. 40).

Para embasar dados de ordem técnica, a revista fez uso do conhecimento de um especialista, Jean Caradec, associado a uma empresa instaladora, não citada nominalmente. Para ele, os mecanismos de transmissão analisados ofertavam a chance de acesso a informações primordiais ao produtor rural, especialmente sobre tempo e clima, úteis às práticas de plantio. Concomitantemente, Caradec alertava aos consumidores sobre a necessidade de observarem detalhes técnicos dos módulos a serem instalados, principalmente no que concernia a suas potências (IMAGEM..., 1987, p. 40).

A segunda reportagem foi publicada na edição nº 15, na página 28, de junho de 1988, sob autoria de Adeildo Lopes Cavalcante. No texto, o repórter considerava a antena parabólica como “um meio de levar o progresso ao campo”. “O homem do campo, em qualquer ponto do Brasil, pode instalar uma antena parabólica em sua propriedade e fazê-la funcionar a eletricidade, bateria, gerador, cata-vento ou roda d’água”, garantia Cavalcante, revelando a quem se direcionava, explorando as possibilidades dos equipamentos (CAVALCANTE, 1988, p. 28).

A operação dos mecanismos proporcionaria a recepção de oito canais de televisão nacionais: “Manchete, Globo, Bandeirantes, TVE, TVS, Amazonas, Jockey Club e Executiva, esta última da Embratel”, elencou o jornalista, dando proeminência à qualidade do sinal das emissoras, captadas “sem fantasmas, ruídos e chuviscos, como se estivessem no cinema”. A reportagem citou como exemplo de sucesso, a instalação de um televisor e de uma antena parabólica em um garimpo, a 500 quilômetros da localidade de Alta Floresta/MT. Os eletrônicos, alimentados por um gerador, sintonizavam perfeitamente os oito canais (CAVALCANTE, 1988, p. 28).

Para Joacir Lameu, diretor técnico da empresa Kompac, do Rio de Janeiro – uma das anunciantes daquela edição da revista –, consultado por Cavalcante, as dimensões do país não favoreciam a distribuição dos sinais comumente irradiados pelas emissoras, algo que podia ser superado pela tecnologia que comercializava. Ao mesmo tempo, o jornalista garantia que o potencial da antena poderia conduzir o sinal para vizinhos em um raio de 100 quilômetros (CAVALCANTE, 1988, p. 28). A informação foi corrigida dois meses depois, em uma nota publicada na seção “Correio do Campo”: era, na verdade, 100 metros (CORREÇÃO, 1988, p. 74).

Graças à potência de alcance dos dispositivos, as despesas com a instalação poderiam ser compartilhadas entre várias pessoas. Cavalcante estimava que uma antena custasse, “em valores de maio último” [isto é, maio de 1988], algo em torno de 260 mil cruzados ou 200 OTN – sigla para Obrigação do Tesouro Nacional, títulos da dívida pública emitidos no Brasil durante a vigência do Plano Cruzado, entre 1986 e 1989¹¹. As condições de pagamento oferecidas pelas empresas que comercializaram o produto eram consideradas atrativas, dada a chance de parcelamento do investimento (CAVALCANTE, 1988, p. 28).

Por fim, Cavalcante pormenorizou características dos itens que compunham o conjunto a ser instalado para a recepção do sinal. Segundo ele, a antena se constituía de “uma parábola de 2 metros e 40 centímetros, em fibra de vidro ou revestimento de alumínio, que serve também como espelho”. Ainda conforme o repórter, “a parte de fibra de vidro consiste basicamente na sustentação da parábola. Há, também, um mastro que sustenta todo o equipamento” (CAVALCANTE, 1988, p. 28). A nota de correção, publicada em agosto de 1988, corrigiu parte dessa informação. “Na 19ª linha do quarto parágrafo, ao invés de “fibra de vidro”, o correto é “estrutura em aço zincado a fogo”, esclarecia o apontamento (CORREÇÃO, 1988, p. 74).

¹¹ Um dólar para venda, em 1º de junho de 1988, estava sendo comercializado a Cz\$ 163,95. Já 1 OTN estava cotada a Cz\$ 1.337,12. Informações do *Jornal do Brasil*. Naquele mês, a *Manchete Rural* custava Cz\$ 250,00.

Na sequência, Cavalcante reiterou dados expostos na reportagem de julho de 1987, no que diz respeito à operação dos satélites, ao modo de captação dos sinais e à diferença entre os tipos de antena, aptos a receber sinais nacionais e internacionais. “As antenas parabólicas mais parecem imensos cogumelos virados ao contrário, que interceptam os satélites que gravitam em torno da Terra”, comparava o repórter, em uma linguagem simples, mais próxima do popular. Novamente, como em julho de 1987, uma antena instalada junto a uma paisagem rural foi o motivo da fotografia a ilustrar a reportagem. O equipamento era o mesmo fabricado e comercializado pela Kompac. A ilustração, dessa vez, não possuía créditos autorais (CAVALCANTE, 1988, p. 28).

Durante os anos 1990, menções sobre antena parabólica se deram em matérias, sem qualquer relação direta com o tema. O acesso à tecnologia era visto, no período, por *Manchete Rural*, como um diferencial ao morador de áreas rurais, um sinônimo de qualidade de vida. Em abril de 1996, uma reportagem explorou o bom momento da avicultura e da suinocultura, favorecidas pela modernização dos manejos, os quais geravam alta produtividade. A rentabilidade da atividade proporcionava ao avicultor Fernando Costa Beber, “uma boa condição de vida”, pois ele tinha “uma casa bem construída, carro, telefone e antena parabólica” (INTEGRAÇÃO..., 1996, p. 119).

Para a revista, a antena parabólica facilitava a participação do produtor rural em eventos. “De maneira inédita, diversos criadores assistiram pela TV, em 23 de outubro [de 1995], um simpósio sobre equinocultura, transmitido diretamente via Embratel, de São Paulo para outras 17 cidades do país”, noticiou *Manchete Rural*, em novembro de 1995. A organização comemorava o êxito do evento, considerando “incalculável”, o “número de telespectadores que puderam assistir [o simpósio] através do uso da antena parabólica” (SIMPÓSIO..., 1995, p. 69).

Em agosto de 1995, a revista lançou o Prêmio Criatividade *Manchete Rural*, destinado a condecorar “soluções de melhores resultados na agricultura, pecuária, agroindústria, benfeitoria, etc.”. Um seleto grupo de especialistas ficaria responsável por avaliar e laurear as “ideias mais criativas”, presenteando os vencedores com cinco antenas parabólicas, ofertadas pela revista e pela ASR Comunicações – sigla para Antenas Santa Rita. Em letras pequenas, um breve parágrafo explicava que o equipamento proporcionaria uma “imagem via satélite perfeita, sem chuviscos ou fantasmas”, conservando-se o teor dos discursos de outrora (GANHE..., 1995, p. 29)¹². O mesmo anúncio figurou nas edições de agosto, setembro, outubro e novembro de 1995.

¹² A tecnologia da antena parabólica encontrava, desde setembro de 1994, uma nova fase de adesão. De acordo com a *Folha de S. Paulo*, após o vazamento de uma conversa entre o então ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, e o jornalista Carlos Monforte, da TV Globo, onde o político fazia declarações polêmicas sobre seu trabalho e a

Figura 3: Anúncio institucional sobre o Prêmio Criatividade *Manchete Rural*

Prêmio Criatividade Manchete Rural

Ganhe 5 antenas parabólicas

- A Revista Manchete Rural e a ASR Telecomunicações vão premiar com cinco antenas parabólicas as ideias mais criativas aplicadas em uma propriedade rural.
- A premiação escolherá as soluções de melhores resultados na agricultura, pecuária, agroindústria, benfeitoria etc.
- O júri será composto por especialistas em ciências agrárias da Embrapa, Emater-Rio, Pesagro-Rio e da Universidade Federal de Viçosa.

A Antena Parabólica Santa Rita (ASR) (por toda) e o Receptor de Satélite SR-255, imagem via satélite parafix, sem churrasco ou forquinhos.

Para participar basta enviar material (carta, fotografia, fita de vídeo) explicando a ideia para a Redação da Manchete Rural - Prêmio Criatividade Manchete Rural, Rua do Russell, 804/8º andar, Glória, CEP 22.210-010, Rio de Janeiro, RJ, até 30 de novembro de 1995.

Fonte: GANHE..., 1995, p. 29.

Em maio de 1996 e em setembro de 1998, nas edições números 107 e 135, o periódico se mostrou interessado em conhecer os hábitos e as condições de vida de seus leitores. “Suas informações são extremamente valiosas para o desenvolvimento de nosso trabalho”, justificava o prólogo do segundo questionário. Entre as várias perguntas, estava a disposição em saber se o leitor era possuidor de telefone, fax, televisor, videocassete e antena parabólica. Em ambas as solicitações, as primeiras cinquenta respostas a chegarem à redação receberiam uma camiseta da *Manchete Rural* como brinde (PESQUISA..., 1996, n.p.).

Uma série de reportagens especiais, veiculadas na edição nº 130, de abril de 1998, pormenorizou as “tecnologias a serviço da agricultura”. Novas técnicas de produção e comercialização se aliavam à emergência de recursos, como a telefonia celular e os vídeo-leilões. Segundo o editorial assinado pelo editor-assistente Felipe Dias, o campo mostrava “uma

campanha do candidato Fernando Henrique Cardoso (PSDB), a venda desse tipo de equipamento ganhou novo impulso. Fabricantes, como a Antenas Santa Rita (ASR), a mesma que patrocinou o concurso da *Manchete Rural*, demonstravam otimismo quanto ao futuro do setor. Estimava-se em 1,5 milhão, o número total de antenas instaladas no Brasil, conforme dados fornecidos por empresários do ramo (ROCCO, 1994, p. 1).

admirável capacidade de reação e sobrevivência”, em tempos de “competição acirrada”, não se permitindo ao “atraso” e à “incompetência” (DIAS, 1998, p. 6).

O otimismo se manteve em uma das matérias, ao salientar que a “modernidade” chegava ao campo. “Satélites monitoram a colheita, computadores, telefones celulares e antenas parabólicas já fazem parte da rotina de muitas propriedades e, na hora de comercializar a safra, o governo vem sendo substituído pela iniciativa privada”. Um horizonte de possibilidades se alinhava, de acordo com a revista, às práticas denominadas como agricultura de precisão, em estágio inicial de aplicação (O FUTURO..., 1998, p. 36).

O discurso da reportagem remetia ao contexto político e econômico do país. Adepto do neoliberalismo, o governo Fernando Henrique Cardoso articulava a venda de estatais. Entre as empresas que passaram para as mãos da iniciativa privada estava a Embratel, em julho de 1998, apesar de sua importância estratégica (ARAÚJO; BRANDI, 2009, on-line). Entre 1995 e 1999, o incentivo do governo à prática de privatização das companhias telefônicas públicas passou também pelo esvaziamento da Telebrás.

Apesar dos controversos resultados que viriam a ser produzidos pela entrega das posses e dos serviços aos conglomerados estrangeiros, *Manchete Rural* demonstrava certo alinhamento com o corriqueiro argumento de modernização nas comunicações, utilizado como justificativa pelo governo. A redução de danos naturais e o aumento da produtividade se materializavam como as metas do gerenciamento de informações, com auxílio de sistemas, como o inovador GPS (O FUTURO..., 1998, p. 36).

Nesse momento, segundo *Manchete Rural*, a antena parabólica havia se consolidado como um mecanismo plenamente absorvido pelo homem do campo, uma tecnologia básica para a vivência no mundo rural. O emprego desse recurso era uma realidade e o futuro parecia ser promissor. Entretanto, uma nova crise no Grupo Bloch, doravante 1998, interrompeu a trajetória da revista, cerceando seu acompanhamento do porvir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a fazer um breve estudo sobre a abordagem relativa ao tema “antena parabólica”, a partir de uma fonte de comunicação social, a revista *Manchete Rural*. A fonte e o tema não são muito habituais nos estudos históricos. Espera-se, com esse primeiro esforço, que a apropriação desse tipo de tecnologia pelo ser humano, bem como as atividades do mensário da Bloch Editores, inspirem outras pesquisas e análises no futuro.

Através dos conteúdos expressos pela revista, pode-se ponderar alguns desdobramentos contextuais, dentre os quais, a visão que se tinha do habitante da zona rural, que, para o periódico, necessitava ser “integrado” ao modo de vida aplicado nos meios urbanos. Paralelamente, reforçavam-se estereótipos sobre seus hábitos, como seus horários de dormir e acordar. Mudanças poderiam ser concretizadas, com o acesso à televisão, experiência a ser aprimorada pelo emprego de uma antena parabólica.

No que concerne à fonte, frisa-se que a *Manchete Rural* fazia parte de um conglomerado de comunicação, que englobava, entre outras empresas, a TV Manchete, emissora captada por antenas parabólicas. Mesmo sendo um dos principais canais do país, a Manchete não dispunha, especialmente no final dos anos 1980, de uma robusta rede de afiliadas. Tornava-se interessante promover ao público segmentado do mensário, uma tecnologia que lhe permitisse a visualização da programação da emissora.

Com relação ao modo como o assunto foi tratado, salienta-se a influência da publicidade sobre a linha editorial da revista. As antenas parabólicas defendidas pelas fábricas e comércios afins não necessariamente se voltavam ao habitante do meio rural, e sim, à sociedade como um todo. Embora o direcionamento de público estivesse bem demarcado, inclusive pelo título do periódico, nada indica que sua leitura se limitasse exclusivamente ao morador rural. A citação do tema e o interesse dos anunciantes, em prol da promoção da tecnologia, eram diretamente proporcionais.

Com o tempo, a ciência e a tecnologia se aperfeiçoaram. Outros modelos de recepção de sinais de televisão emergiram das pesquisas, com aplicações exitosas. A TV digital, lançada em 2007, ofertou uma notável qualidade à transmissão aberta das emissoras. As antenas parabólicas tradicionais, como as retratadas nesse artigo, seja em modo analógico ou digital, em 2021, se envolveram em uma polêmica. A tecnologia 5G ameaça a continuidade do modelo que encantava os redatores e os fabricantes de antenas, na longínqua década de 1980¹³. Frente às incertezas do futuro, pode-se apreciar um pouco do papel desse recurso na experiência humana do passado.

¹³ Estima-se que a implantação da tecnologia de quinta geração para uso de redes móveis e banda larga, o 5G, faça com que as faixas utilizadas pelas emissoras para transmissão via antena parabólica necessitem de mudanças. Outras informações sobre os primeiros encaminhamentos relativos ao tema podem ser consultadas na reportagem do jornalista Guilherme Tagiaroli (2021, on-line). O texto salienta que “6,5 milhões de residências no Brasil contam apenas com antena parabólica para ver TV”, segundo dados do IBGE relativos a 2017 (TAGIAROLI, 2021, on-line).

REFERÊNCIAS

A DIREÇÃO. Um momento, leitor. **Manchete**, nº 1, 26 abr. 1952, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

AGRICULTURA de Hoje. **Manchete**, nº 1195, 15 mar. 1975, p. 126. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ALDÉ, Alessandra. TV Tupi. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

ARAÚJO, Rejane; BRANDI, Paulo. Embratel. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/embratel/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2000.

BATISTELLA, Alessandro. **O bipartidarismo em Passo Fundo/RS – 1965-1982**. Passo Fundo: Acervus, 2020. Disponível em: <http://www.acervuseditora.com.br/nossasobras/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 1.386, de 18 de junho de 1951**. Regula a importação de papel e outros materiais de consumo da imprensa. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L1386.htm/. Acesso em: 11 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962**. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4117compilada.htm/. Acesso em: 11 mar. 2021.

BRASILSAT ganha salva de palmas ao subir com êxito. **Jornal do Brasil**, nº 305, 9 fev. 1985, p. 7. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

BRASILSAT 1, o primeiro satélite brasileiro, vai ser lançado sexta-feira. **Jornal do Brasil**, nº 298, 2 fev. 1985, p. 15. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

BRASILSAT S.A. Anúncio da empresa. **Manchete Rural**, nº 6, set. 1987, p. 29. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CAMARA, Lucas Rodrigues Raposo da. **Análise de interferência entre satélites geostacionários**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia

Eletrônica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/7564/>. Acesso em: 4 mar. 2021.

CAMARGO, José Tarcísio Franco de. **Projeto e implementação de um sistema de recepção de TV via satélite**. 1992. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) – Faculdade de Engenharia Elétrica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. 101f. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/261612/>. Acesso em: 4 mar. 2021.

CAPA. **Manchete Rural**, nº 63, jul. 1992. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CAPA. **Manchete Rural**, nº 99, set. 1995. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CAVALCANTE, Adeildo Lopes. Antena Parabólica: um meio de levar o progresso ao campo. **Manchete Rural**, nº 15, jun. 1988, p. 28. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COMO se faz “Manchete”, nascida há 24 anos numa pequena gráfica. **Boletim ABI**, maio-jun. 1976, p. 8-9. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

CORREÇÃO: Correio do Campo. **Manchete Rural**, nº 17, ago. 1988, p. 74. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *Manchete Esportiva* e sua primeira fase (1955-1959): Diálogo entre Imagens e Crônicas Modernas. **Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338430338_ARQUIVO_AndreAlexandreGuimaraesCoutoAnpuhRJ2012.pdf/. Acesso em: 9 mar. 2021.

DIAS, Felipe. Editorial. **Manchete Rural**, nº 130, abr. 1998, p. 6. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DICKEL, Simone Lopes; ZANELLA, Anacleto (org.). **História do Mundo Rural: o Sul do Brasil – Volume 3. Passo Fundo: Acervus, 2020.** Disponível em: <https://www.acervuseditora.com.br/nossasobras/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

DIRETO do espaço. **Veja**, 7 jul. 1982, p. 120. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

EMCO. Anúncio da empresa. **Manchete Rural**, nº 4, jul. 1987, p. 31. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo: da Morte de Vargas aos Dias Atuais**. São Paulo: Contexto, 2016.

GANHE 5 antenas parabólicas. Anúncio do Prêmio Criatividade *Manchete Rural*. **Manchete Rural**, nº 98, ago. 1995, p. 29. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GARCIA, Roberto. TV do Espaço. **Veja**, 5 maio 1982, p. 105. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

GODOY, Norton. De parabólicas ligadas. **Superinteressante**, nº 8, maio 1988. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/de-parabolicas-ligadas/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

GONÇALVES, José Esmeraldo; MUGGIATI, Roberto. A Janela do Russell. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. (Orgs.). **Aconteceu na Manchete: as Histórias que Ninguém Contou**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008, p. 21-53.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

IMAGEM no campo não é mais problema. **Manchete Rural**, nº 4, jul. 1987, p. 39-40. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

INTEGRAÇÃO, a força do agribusiness. **Manchete Rural**, nº 106, abr. 1996, p. 116-122. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

KARAWEJCZYK, Mônica. O jornal como documento histórico – Breves Considerações. **Historiae: Revista de História da Universidade Federal do Rio Grande**, v. 1, p. 131-147, 2010. Disponível em: <http://periodicos.furg.br/hist/article/view/2371/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

KOMPAC. Anúncio da empresa. **Manchete Rural**, nº 15, jun. 1988, p. 21. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LEAL, Luiz Octávio Pires. O método de confinamento. **Manchete Rural**, nº 4, jul. 1987b, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LEAL, Luiz Octávio Pires. Um hectare produz. **Manchete Rural**, nº 2, maio 1987a, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LIMA, Ana Cláudia Silva; BOMFIM, Filomena Maria Avelina. A implementação da Aldeia Global de McLuhan no século XXI: a Educomunicação como ambiente sustentável de aprendizagem. **Anais da III Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro**. São Paulo: INTERCOM, 2016, p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/pensacom2016/textos/ana-claudia-lima-filomena-bomfim.pdf/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

LINEAR. Anúncio da empresa. **Manchete Rural**, nº 24, mar. 1989, p. 63. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MENEZES, Fernando Dominience. **Enunciados sobre o futuro: ditadura militar, Transamazônica e a construção do “Brasil grande”**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. 155f.

MICROVÍDEO. Anúncio da empresa. **Manchete Rural**, nº 4, jul. 1987, p. 40. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf/>. Acesso em: 4 mar. 2021.

NASCIMENTO, Greyce Falcão do. **“Aconteceu: Virou Manchete”**: O golpe de 1964 e o governo Castelo Branco nas páginas da revista. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. 146f. Disponível em: http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3020220/. Acesso em: 4 mar. 2021.

O FUTURO já começou. **Manchete Rural**, nº 130, abr. 1998, p. 36-40. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ONDE você ganha sempre. Anúncio do primeiro número de *Manchete Rural*. **Manchete**, nº 1824, 4 abr. 1987, p. 19. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

PESQUISA *Manchete Rural*. **Manchete Rural**, nº 107, maio 1996, n.p. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PESQUISA *Manchete Rural*. **Manchete Rural**, nº 135, set. 1998, n.p. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PONGETTI, Henrique. Manchete nº 100. **Manchete**, nº 100, 20 mar. 1954, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

PORTO, Sérgio Dayrell. Televisão Brasileira: Economia e imaginário. *Globo Rural e Som Brasil: A mesma safra urbana?* **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, v. 4, n. 2, p. 165-178, maio/ago. 1987. Disponível em: <http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/9180/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

PRÊMIO Esso de melhor contribuição ao jornalismo, de 1975. Anúncio da revista *Agricultura de Hoje*. **Manchete**, nº 1238, 10 jan. 1976, p. 123. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

ROCCO, Nelson. Caso Ricupero puxa vendas de parabólicas. Nono caderno. **Folha de S. Paulo**, 11 set. 1994, p. 1. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/index.do/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

RONSINI, Veneza Mayora. Cotidiano rural e recepção de televisão: o caso Três Barras. **Intercom – Revista Brasileira da Comunicação**. São Paulo, v. XVIII, n. 1, p. 108-118, jan./jun. 1995. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/883/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

ROQUE, Paulo. Editorial. **Manchete Rural**, nº 102, dez. 1995a, p. 5. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ROQUE, Paulo. Editorial. **Manchete Rural**, nº 98, ago. 1995b, p. 5. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. “Mais que uma revista, um dicionário para os pais”: a revista *Pais & Filhos* e a imprensa transnacional para a família. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/10.4025/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SARTI, Ingrid Piera Andersen. **Os efeitos da tecnologia de ponta na televisão: a TV Globo**. Relatório de Pesquisa. Lima/Rio de Janeiro: IPAL, 1986. Disponível em: <http://dspace.unila.edu.br/123456789/578/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SILVA, Thiago de Sales. “**Espetáculo inconveniente para qualquer horário**”: a censura e a recepção das telenovelas na ditadura militar brasileira (1970-1980). 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. 144f. Disponível em: http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4891013/. Acesso em: 4 mar. 2021.

SIMPÓSIO de atualização em equinocultura. **Manchete Rural**, nº 101, nov. 1995, p. 69. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SPACE. Anúncio da empresa. **Manchete Rural**, nº 6, set. 1987, p. 70. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

TAGIAROLI, Guilherme. Leilão do 5G vai afetar quem tem parabólica; entenda o que ficou decidido. **Tilt**: o canal sobre tecnologia do UOL, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/02/26/como-o-5g-vai-afetar-a-transmissao-de-tv-via-antena-parabolica.htm/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

UMA REVISTA de sucesso. **Manchete Rural**, nº 102, dez. 1995, p. 65-66. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

VIEIRA, Renan Milanez. Rede Manchete: um estudo de caso. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação – BOCC**, 2012. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/vieira-renan-rede-manchete-um-estudo-de-caso.pdf/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. A Guerra Fria (1947-1987): conflito ou sistema? **História: Debates e Tendências**. Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 9-38, jul./dez. 2006.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**. São Paulo, v. 4, p. 89-102, jun. 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Data de submissão: 14/03/2021

Data de aprovação: 28/05/2021